



CAP-UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Turmas:

Coord.:

Professora: Angélica Castilho

Estagiária: Julianna de Campos Brêtas
Sellmann

Aluno(a): _____ **n.º:** ____ **Data:** 13/11/2023

UNIDADE 19: romance; leitura e interpretação; produção textual; normas e usos linguísticos.

Seguem alguns temas pensados em conjunto com alunos nas aulas de 06 de novembro de 2023.

Escolham um dos temas a seguir para construir uma dissertação de base argumentativa e levar na aula de 27 de novembro para lermos e conversarmos em grupo.

No final da aula, recolherei as produções textuais e farei as devolutivas ao longo da semana.

Temas

1. Literatura: espaço ficcional para pensar a realidade.
2. Queima de livros: a Literatura negada na formação de crianças e jovens.
3. Qual o valor da Literatura para combater as autocracias?
4. A visão ingênua das crianças diante das violências do mundo.
5. Curiosidade e desinformação: quais as possíveis consequências dessa associação?
6. Amizade na infância: o que guia e o que sustenta tal relacionamento?
7. Amizade: caminho para desfazer desigualdades?
8. Obedecer por obedecer: quando análise, reflexão e avaliação sobre o mundo não têm vez.
9. Regimes autocratas e anulação das diferenças: dois lados de uma moeda.

Coletânea de textos que dialogam com o romance de John Boyne e os temas propostos.

TEXTO 1 (todos os temas)

O menino do pijama listrado, de John Boyne.

TEXTO 2 (todos os temas)

Declaração universal dos direitos humanos.

(Disponível em: <<https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitos-humanos/>>.
Acesso em: ago. 2023.)

TEXTO 3 (1. Literatura: espaço ficcional para pensar a realidade.)

Nossa imaginação precisa da literatura mais do que nunca

Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página

Vamos partir de uma situação que grande parte de nós já vivenciou. Estamos saindo do cinema, depois de termos visto uma adaptação de um livro do qual gostamos muito. Na verdade, até que gostamos do filme também: o sentido foi mantido, a escolha do elenco foi adequada, e a trilha sonora reforçou a camada afetiva da narrativa. Por que então sentimos que algo está fora do lugar? Eu penso logo em *Fim de Caso*, do inglês Graham Greene, levado às telas por Neil Jordan. Mas você pode pensar em Harry Potter, em Alice no País das Maravilhas, em qualquer um dos filmes baseados em romances do Cormac McCarthy. No meu caso, eu tinha a Julianne Moore no papel feminino principal, e com ela nada pode dar muito errado, né? Então, por que me senti um pouco traída e com uma sensação de que havia faltado alguma coisa?

O que sempre falta em um filme sou eu. Parto dessa ideia simples e poderosa, sugerida pelo teórico Wolfgang Iser em um de seus livros, para afirmar que nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação. Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página.

Essa potência vem, entre outros aspectos, do tanto que a literatura exige de nós, leitores. Não falo do esforço de compreender um texto, nem da atenção que as histórias e poemas exigem de nós – embora sejam incontornáveis também. Penso no tanto que precisamos investir de nós, como sujeitos afetivos e como corpos sensíveis, para que as palavras se tornem um mundo no qual penetramos. É sempre bom ver Julianne Moore na tela... O problema é que ela, ali, toma o espaço que, de alguma forma, eu havia preenchido na narrativa quando a li.

Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente. Trata-se de uma energia que o teórico Hans Ulrich Gumbrecht chama de “presença” e que remete a um contato com o mundo que afeta o corpo do indivíduo para além e para além do pensamento racional.

Muitos eventos produzem presença, é claro: jogos e exercícios esportivos, shows de música, encontros com amigos, cerimônias religiosas e relações amorosas e sexuais são exemplos óbvios. Por que, então, defender uma prática eminentemente intelectual, como a experiência literária, com o objetivo de “produzir presença”, isto é, de despertar sensações corpóreas e afetos? A resposta está, como já evoquei mais acima, na potência guardada pela ficção e a poesia para disparar a imaginação. Mas o que é, afinal, a imaginação, essa noção tão corriqueira e sobre a qual refletimos tão pouco?

Proponho pensar a imaginação como um espaço de liberdade ilimitada, no qual, a partir de estímulos do mundo exterior, somos confrontados (mas também despertados) a responder com memórias, sentimentos, crenças e conhecimentos para forjar, em última instância, aquilo de faz de cada um de nós diferente dos demais. A leitura de textos literários é uma forma privilegiada de disparar esse mecanismo imenso, porque demanda de nós todas essas reações de modo ininterrupto, exige que nosso corpo esteja ele próprio presente no espaço ficcional com que nos deparamos, sob pena de não existir espaço ficcional algum.

(...)

(Adaptado. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/22/opinion/1519332813_987510.html>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 4 (2. Queima de livros: a Literatura negada na formação de crianças e jovens.)

Queima de Livros

Em 1933, Joseph Goebbels, ministro alemão da Propaganda e do Esclarecimento Popular, deu início à “sincronização da cultura”, processo pelo qual as artes foram moldadas para atender aos objetivos do Partido Nazista. O governo expulsou os judeus e os que considerava política ou artisticamente suspeitos das organizações culturais.

Dentre as figuras de vanguarda do movimento nazista figuravam estudantes das universidades alemãs e, no final da década de 1920, muitos engrossaram as fileiras das várias formações daquela ideologia. A força do ultra nacionalismo e do anti-semitismo das organizações estudantis, cujos membros eram oriundos de uma classe média secular, já se fazia sentir há décadas. Com o final da Primeira Guerra Mundial a maioria dos estudantes se opôs à República de Weimar (1919–1933), encontrando no Nacional Socialismo um veículo ideal para expressar seu descontentamento e hostilidade política.

Em 6 de abril de 1933, a sede da Associação Estudantil Alemã para Imprensa e Propaganda proclamou um "Ato Nacional contra o Espírito Não-Germânico", para “limpar”, ou "depurar" (*Säuberung*) a literatura alemã pelo fogo. Suas sucursais deveriam fornecer à imprensa boletins e encomendar artigos pró-nazismo, organizar eventos em que personalidades nazistas famosas pudessem discursar para grandes massas, bem como negociar horários de transmissão pelo rádio para que fossem ouvidos dentro das casas. Em 8 de abril, a Associação Estudantil também publicou seus doze "artigos"—em uma alusão às 12 Teses do alemão Martinho Lutero contra a Igreja Católica—através das quais apresentava seus conceitos e requisitos para o estabelecimento de um idioma e de uma cultura nacionais "puras", atacava o "intelectualismo judaico", defendia a necessidade de "depuração" do idioma e da literatura alemães, e exigia que universidades se convertessem em centros do nacionalismo alemão. Os estudantes alemães descreveram o ato como uma reação à "difamatória campanha" mundial empreendida pelos judeus contra a Alemanha e uma afirmação dos valores tradicionais alemães.

Em um ato simbólico, quase que profético, no dia 10 de maio os estudantes atearam fogo a mais de 25.000 livros considerados "não-alemães", já pressagiando a era de censura política e de controle cultural que estava por vir. Na noite daquele mesmo dia estudantes de direita, vindos de todas as cidades universitárias, marcharam à luz de tochas em desfiles organizados para protestar "contra o espírito não-alemão". O ritual que desenvolveram, já predeterminado, tinha como componente básico a presença e o discurso de oficiais nazistas do alto escalão, reitores, professores universitários, e líderes estudantis. Nos locais de reunião, os estudantes lançavam pilhas e pilhas de livros indesejáveis nas fogueiras, em uma alegre cerimônia com bandas de música, canções, "juramentos" e frases de efeito.

Entretanto, nem todas as queimas de livros aconteceram naquele 10 de maio como a Associação Estudantil havia planejado. Algumas foram adiadas por alguns dias por causa das chuvas, outras, dependendo da preferência da assembleia local, aconteceram em 21 de junho, no solstício de verão, uma data festiva tradicional. Todavia, no dia 10, em 34 cidades universitárias por toda a Alemanha, o "Ato contra o Espírito Não-alemão" foi um sucesso, atraindo ampla cobertura jornalística. Em alguns lugares, particularmente em Berlim, as emissoras de rádio transmitiram "ao vivo" os discursos, as canções e as frases de efeito para inúmeros ouvintes alemães.

Também as obras de escritores alemães de renome que não agradavam ao Partido Nazista, tais como Bertolt Brecht, Lion Feuchtwange, e Alfred Kerr, foram lançadas à fogueira durante uma cerimônia de queima de livros realizada em Berlim. A propagação da cultura "ariana", e a supressão de outras formas de produção artística representaram um esforço nazista extra para a "purificação" da Alemanha. Outros escritores incluídos nas listas negras foram os autores americanos Ernest Hemingway e Helen Keller.

(Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 5 (3. Qual o valor da Literatura para combater as autocracias?)

O que o clássico "1984" tem de atual?

12 de Agosto de 2019 às 10:15

“Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário.”

George Orwell (1903-1950) escreveu essas palavras na década de 1940, quando publicava a primeira edição do livro *1984*. Naquela época, ele usou a frase para se referir a um futuro distópico em que a tecnologia criada pelo homem seria usada contra o próprio homem. Um futuro em que o ser humano perderia sua individualidade.

Hoje, mais de 70 anos depois, em um contexto de descredibilização da imprensa, circulação de *fake news* e vazamento de dados pessoais pela internet, percebemos algumas pistas do quanto a obra de Orwell soa profética. Mais do que nunca, parece ser importante ler e discutir a distopia (ou utopia negativa). Segundo Andrey Susane Seiffert, professora e doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo, ela é definida, "de acordo com Lyman Tower Sargent", como "uma sociedade não-existente, descrita com detalhes consideráveis e geralmente situada em um tempo e espaço que o autor pretende que o leitor considere pior do que a sociedade na qual vive". São lidas como sinais de alerta: 'Olha o que pode acontecer conosco no futuro!''.

Resenha do livro 1984: uma crítica ao poder totalitário

Em *1984*, último romance da carreira de Orwell, publicado em 1949, meses antes de sua morte, o escritor britânico, aluno do também ficcionista Aldous Huxley (*Admirável mundo novo*), conta a história de Winston, personagem que tenta se libertar das engrenagens totalitárias do Estado e da vigilância permanente do Grande Irmão. A partir desses elementos e de tantos outros, como a *Novafala*, língua oficial do partido que renomeia o mundo e, assim, manipula a realidade, o autor explora muito bem a dinâmica do poder pelo poder, sem uma finalidade pressuposta e congruente com o uso da força para se impor.

Para muitos, o livro escancara uma crítica aos governos nazifascistas da Europa, dos quais o mundo ainda tentava processar os crimes desumanos cometidos nos anos anteriores à publicação da obra, final da Segunda Guerra Mundial. Para outros, estrutura uma fantasia que varia do horror ao cômico e se relaciona com o fracasso do comunismo na extinta União Soviética. Dentre as várias interpretações, o reconhecimento do livro como instrumento de reflexão sobre qualquer forma de poder que se posiciona como incontestável revela um ponto comum.

Em 2017, quando o republicano Donald Trump completava uma semana na presidência dos Estados Unidos, a Amazon registrou esse clássico de Orwell na liderança de livros mais vendidos no país. A releitura do texto orwelliano, segundo a advogada Maria Carolina de Jesus Ramos, autora do artigo *1984: a obra atemporal de George Orwell*, foi impulsionada pela "constatação da fragilidade das democracias e dos direitos individuais".

Ameaça à democracia: um dos pontos de discussão

Carlos Pessoa Júnior, articulista do Jornal Gazeta do Povo e professor de língua inglesa e espanhola, discorre nesse mesmo sentido quando afirma que a obra "denuncia como um povo pode ser enganado ao ponto de se anular graças a todo um arsenal de mentiras bem construídas, linguagem reducionista e excludente, opressão estatal e manipulação histórica". Talvez até mesmo como forma de autodefesa, as pessoas recorreram e escolheram se armar com o livro no momento em que as liberdades estavam sob foco de ameaça.

Para o educador, a realidade posta em *1984* pode surgir de diversas ideologias. Assim como a *Novafala* associada a diferentes grupos políticos. E se posiciona: "Qualquer grupo seja de direita ou de esquerda que se isole numa bolha linguístico-ideológica não deseja o diálogo". Sobre isso, Maria Carolina completa: "A novilíngua, a mudança da própria linguagem, é a marca máxima do autoritarismo do Partido retratado na obra. Ao mandar na linguagem, o Governo manda até nos pensamentos de seus cidadãos. É uma sociedade em que nem os pensamentos são livres, pois a linguagem é a base do pensamento".

Formação dos Estados fascistas: outro ponto de debate

Além dessa questão destacada, outros pontos podem ser discutidos em sala de aula, como "a formação de Estados fascistas e totalitários, as duas guerras mundiais e a invenção da bomba atômica", coloca Andreya. A possibilidade de interpretar o livro a partir de diferentes disciplinas também é uma opção enriquecedora. Andreya escreveu um artigo durante a sua graduação em História, sobre um estágio que realizou com alunos do ensino médio, e analisou as fotos modificadas do governo de Stálin relacionando com o livro *1984*. "A história só tem a ganhar ao se reaproximar da literatura. Ambas são formas de pensar a realidade e refletir sobre que futuro queremos construir", explica.

Andreya, enfim, recorre a Ítalo Calvino para justificar a importância do livro *1984*:

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”

Carlos, então, conclui: "[1984] É uma distopia que nos revela que nem o mais ferrenho sistema opressor pode destruir a busca do indivíduo para proteger sua individualidade, tudo que o torna único [...] De todos os anseios que habitam a alma humana, a liberdade é o maior e de todos os medos o de perdê-la é o que mais assombra, *1984* faz o leitor viver este medo e anseio a cada página".

(Disponível em: < <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/O-que-o-classico-1984-tem-de-atual>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 6 (4. A visão ingênua das crianças diante das violências do mundo.)

Professor que usa a música para silenciar a guerra no Rio viraliza nas redes

Vídeo de crianças cantando durante tiroteio do lado de fora da escola tem mais de 200 mil visualizações

Caio Barreto Briso

30/05/2017 - 04:30 / Atualizado em 30/05/2017 - 07:35

RIO — A cena é rotineira para crianças que estudam no Ciep Roberto Morena, em Paciência, mas desta vez foi filmada e, ao ser compartilhada no Facebook, teve mais de 200 mil visualizações em apenas três dias. Com violão nos braços, um professor canta com um grupo de pequenos para distrai-los de um tiroteio que ecoa do lado de fora da escola, em Paciência. Sentadas no chão, umas 30 crianças de até 11 anos cantam e gesticulam como se fosse dia de festa. Foi na manhã de sexta-feira, dia 26. Mesmo sem saber quem era o professor, o secretário municipal de Educação, Cesar Benjamin, compartilhou o vídeo em sua página na rede social, dizendo que “são esses heróis que seguram a rede” e “me dão força para prosseguir”.

— Tem muita gente me procurando, o próprio secretário acabou de telefonar. Quer me encontrar na quinta-feira — conta, surpreso, Roberto de Oliveira Ferreira, de 56 anos, que leciona há 14 na unidade escolar. — Já fiz isso muitas vezes. Quando acontece um tiroteio no entorno, as crianças pensam no pai, na mãe e entram em desespero. Coloco todas no corredor, que está sempre limpinho, e vamos cantar. Elas até esquecem dos tiros, é o milagre da música — resume.

Às vezes o “espetáculo” é breve, apenas quinze ou vinte minutos. Outras, dura quase o tempo de um show de verdade - houve dias em que a cantoria passou de uma hora. No episódio de sexta-feira passada, os tiros passavam muito perto da escola. O diretor adjunto pediu a Roberto que começasse a cantar. “Claro”, respondeu, já pegando seu inseparável violão. A maioria das músicas que ele ensina é de sua própria autoria, não raro em parceria com professores de outras disciplinas. No vídeo que viralizou, estão todos cantando “Criança esperança”. Diz um trecho: “Para brotar do meu peito / dentro do meu coração / muita alegria, mil fantasias, paz e mais compreensão. / Música, brindes e cores / sonhos de um mundo melhor / força criança, criança esperança / fé que levanta o astral”.

— Se você observar a coreografia verá que elas estão se comunicando em libras. Temos crianças com deficiência auditiva na escola, queria que todas participassem, por isso inclui essa segunda linguagem, depois de pedir às professoras que me ensinassem os gestos. Comecei a ver o brilho no olhar das crianças — conta o professor, casado e pai de duas filhas.

(Adaptado. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/professor-que-usa-musica-para-silenciar-guerra-no-rio-viraliza-nas-redes-21410938>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 7 (4. A visão ingênua das crianças diante das violências do mundo.)

Jojo Rabbit

Taika Waititi cria história hilária e emotiva na Alemanha nazista, mas ousadia fica só na premissa

Taika Waititi sabe como poucos conectar o seu senso de humor ao coração. Sem medo de ser simplesmente bobo, o diretor e roteirista neozelandês também não esconde a sua sensibilidade, com filmes como *Boy* (2010), *Hunt for the Wilderpeople* (2016) e até mesmo *Thor: Ragnarok* (2017) servindo de prova. Logo, *Jojo Rabbit* parecia a trama perfeita: um garotinho alemão que tem Hitler como amigo imaginário e muitas lições a aprender sobre a vida.

Porém, o que parecia um encaixe inquestionável se converte na sua perdição. Com carta branca para fazer o que quiser e profundamente ligado ao projeto — inspirado por uma sugestão de sua mãe — Waititi cria, sim, uma história emotiva e hilária, com a sua versão de Hitler sendo perturbadoramente carismática, mas fecha os olhos para muitas redundâncias e conclusões evidentes. Desde o início, *Jojo Rabbit* só tem um caminho a seguir, o que transforma os seus **108 minutos** em uma longa espera pela conclusão.

O percurso, é claro, tem seus momentos ao sol. A representação de Hitler é uma bem-vinda ironia, com o diretor usando a sua origem Maori e Judaica para debochar ainda mais dos absurdos nazistas. Waititi, no entanto, não concentra as atenções em si, aproveitando o elenco experiente — **Scarlett Johansson (Rosie Betzler)**, **Sam Rockwell (Capitão Klenzendorf)**, **Alfie Allen (Finkel)**, **Rebel Wilson (Fraulein Rahm)**, **Stephen Merchant (Capitão Deertz)** — assim como o seu núcleo jovem — **Thomasin McKenzie (Elsa Korr)** e **Roman Griffin Davis (Jojo Betzler)**. Generoso, o roteiro calcula espaços de destaque para todos, o que resulta em boas risadas e momentos de ternura.

Baseado no livro de **Christine Leunens**, *Jojo Rabbit* também tem um gracioso quê de livro infantil. O design de produção de **Ondrej Lipensky** e o figurino de **Mayes C. Rubeo**, assim como a fotografia de **Mihai Malamare Jr.**, lembram muito a estética de **Wes Anderson**, como se essa fosse uma versão nazista e menos hipster de *Moonrise Kingdom*. A trilha, com algumas versões “alternativas” de clássicos do rock (como **Beatles** em alemão), arremata a atmosfera cool. Por mais que essa seja uma jornada sem surpresas, a paisagem e as companhias são bastante agradáveis.

Jojo tem uma lição simples para aprender na Alemanha nazista, uma que é facilmente aplicável entre os jovens carentes recrutados pela extrema direita hoje. A ânsia por construir essa mensagem, enquanto também faz uma grande homenagem a mães como a sua (que criam os filhos sozinhas), inibe a capacidade de Waititi escrever certo por linhas tortas. *Jojo Rabbit* quer criticar a intolerância pela voz dos intolerantes, mas a sua audácia não passa do tema da festa, sem desenvolver de fato alguma reflexão sobre o assunto ou ir além do esperado.

É como se o processo de amadurecimento de Waititi como cineasta viesse acompanhado de um senso de responsabilidade — a lição é importante e precisa ser compreendida. Ainda disposto a misturar humor com desenvolvimento dramático, o diretor ficou preocupado demais para dar a *Jojo Rabbit* a ousadia prometida por um filme fofo que tem uma criança nazista como protagonista.

(Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/jojo-rabbit-oscar-2020>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 8 (5. Curiosidade e desinformação: quais as possíveis consequências dessa associação?)

Infodemia

Classe gramatical: s.f.

Palavras relacionadas: infodêmico *adj.* (gestão infodêmica)

Definição: Denominação dada ao volume excessivo de informações, muitas delas imprecisas ou falsas (desinformação), sobre determinado assunto (como a pandemia, por exemplo), que se multiplicam e se propagam de forma rápida e incontrolável, o que dificulta o acesso a orientações e fontes confiáveis, causando confusão, desorientação e inúmeros prejuízos à vida das pessoas. [Radical *info-* (deduzido de *informação*) + *-demia* (do grego *dêmos* ‘povo’ + o sufixo *-ia*, formador de substantivos da terminologia médica), pelo inglês *infodemic*.]

(Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 9 (6. Amizade na infância: o que guia e o que sustenta tal relacionamento?)



(Disponível em: <<http://youarenotalonenow.blogspot.com/2014/07/calvin-e-amizade.html>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 10 (7. Amizade: caminho para desfazer desigualdades?)



(Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-pai-do-armandinho-o-menino-de-cabelo-azul-que-reflete-sobre-arte-a-politica-e-direitos-humanos>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 11 (8. Obedecer por obedecer: quando análise, reflexão e avaliação sobre o mundo não têm vez.)

Admirável Chip Novo

Pitty

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor

(Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/>>. Acesso em: nov. 2023.)

TEXTO 12 (9. Regimes autocratas e anulação das diferenças: dois lados de uma moeda)

(...)

Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.

E se, antes da minha viagem ao México, eu tivesse acompanhado o debate sobre a imigração de ambos os lados, tanto o americano quanto o mexicano? E se minha mãe tivesse dito para nós que a família de Fide era pobre e trabalhadora? E se tivéssemos uma rede de televisão africana que transmitisse histórias africanas diversas para o mundo todo, naquilo que o escritor nigeriano Chinua Achebe chama de “um equilíbrio de histórias?”.

(...)

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

A escritora americana Alice Walker escreveu sobre seus parentes do sul que haviam se mudado para o norte quando apresentou a eles um livro sobre a vida que haviam deixado para trás: “ficaram sentados, lendo eles próprios o livro, me ouvindo ler o livro, e uma espécie de paraíso foi reavido”.

Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

(ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.10-11.)



Título: Produção textual: Sugestões de temas para o romance O menino do pijama listrado.

Autoras: Angélica de Oliveira Castilho Pereira; Julianna de Campos Brêtas Sellmann.

Use este link para compartilhar ou citar este material: